

## O Facebook e o Professor do Paraná – profissionalidade docente em tempos de rede social<sup>1</sup>

Selma de Fátima Bonifácio COLODEL<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná

### Resumo

O presente artigo representa parte de uma pesquisa de Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná, ainda em desenvolvimento. O estudo propõe analisar o uso do Facebook pelo professor do Paraná, procurando identificar, por meio desta ferramenta, como são expressos possíveis elementos da profissionalidade docente, suas representações, concepções e valores. Nesse sentido, busca-se pensar sobre o professor no contexto atual, de que forma se relaciona com a tecnologia, como tem utilizado o Facebook para manifestar-se e, em que medida tais escolhas expressam elementos próprios do “ser professor”.

**Palavras-chave:** Redes sociais; Facebook; professor; Paraná; profissionalidade docente.

### Introdução

A sociedade contemporânea tem sido marcada fortemente por profundas transformações sociais, econômicas, culturais. O advento da internet gerou novas formas de produção, divulgação e armazenamento do conhecimento, além de alterar significativamente a forma como nos comunicamos e nos relacionamos com o mundo.

Fronteiras, espaços e subjetividades passam a ser reconfigurados e redimensionados, numa miríade de possibilidades, reconfigurando os paradigmas comunicacionais.

No contexto atual, ou na chamada modernidade líquida (BAUMAN, 2007), as certezas e permanências cedem lugar à efemeridade e à volatilidade e, por consequência, a sociedade, bem como as relações e instituições sociais têm passado por inúmeras transformações. Em tal perspectiva, a instituição escolar não foge à regra, já que ainda que continue como um espaço privilegiado para a construção do saber, obriga-se a dividir seu espaço com novas fontes de acesso à informação, modificando a percepção sobre sua própria razão de ser.

A grande questão da cibercultura (...) é a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizadas (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada dos saberes, o ensino da sociedade por

---

<sup>1</sup> Trabalho no GP Comunicação e Educação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre e Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná. *E-mail:* selmabonifacio@gmail.com.

ela mesma, do reconhecimento autogerenciado, móvel e contextual das competências. (LÉVY, 1999 p. 172)

Na sociedade da conexão, já não se prevê a existência da rigidez curricular, tampouco relações ontológicas e epistemológicas verticalizadas. O professor deve estar aberto ao diálogo, ser o interlocutor e o estimulador na busca do conhecimento, superando velhos modelos de educação, incapazes de contemplar as necessidades sociais. Para Moran (2016):

Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, nos desmotivamos continuamente. Tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. Mas, para onde mudar? Como ensinar e aprender em uma sociedade mais interconectada?

Parece-nos evidente que a complexidade estrutural tem dificultado soluções eficientes para estas indagações. Em boa parte do tempo o professor sente a dificuldade decorrente de sua condição histórica no contexto atual. A pós-modernidade traz consigo mudanças de valores e a perplexidade diante do necessário redimensionamento da função docente frente as novas formas de ser e estar na sociedade. Neste contexto, projeta-se um grupo profissional com evidentes sinais de cansaço e esgotamento. (HAGEMEYER, 2004, p. 71).

Surgem, assim, algumas questões relacionadas à ação do professor. Em tempos de conexão e convergência cultural (JENKINS, 2009), como o professor tem convivido com as tecnologias em relação à vida pessoal e profissional? Em que medida utiliza as redes sociais e o Facebook em seu cotidiano? Qual sua relação com alunos na rede social? Qual sua percepção sobre a importância do Facebook no contexto educacional? São estas e outras indagações que nos levam a buscar elementos que expliquem a relação entre o “ser professor” e o contexto da rede social na internet, mais especificamente, em referência ao Facebook.

### **As redes sociais na internet (RSIs)**

A forte presença de sites de redes sociais como Youtube, Facebook, Twitter e Instagram, dentre outros, assinala a importância que têm ocupado em nosso cotidiano. A difusão da informação, o compartilhamento de ideias e conteúdos e a cultura participativa são alguns dos aspectos presentes em sua dinâmica e caracterizam fortemente a sociedade contemporânea.

Cabe salientar entretanto, que as pesquisas sob o ponto de vista das redes não se constituem em algo definitivamente novo. Recuero (2009a, p.17-18) chama a atenção para as pesquisas iniciais com relação à teoria das redes, particularmente com relação ao teorema dos grafos, inicialmente desenvolvida pelo matemático suíço Leonhard Euler (1707-1783).

Já em meados do século XX, teve início um movimento de análise de fenômenos sociais sob a ótica da perspectiva de redes, com foco nas interações, despertando o interesse das ciências sociais, políticas e organizacionais, da psicologia, economia, antropologia. Para Requena Santos (2003):

A teoria de redes sociais se centra em una visión da estrutura social como conjunto de vínculos que unem tanto a membros individuais como coletivos da sociedade. Trata-se, pois, de um enfoque que menos de meio século se propõe como uma via muito interessante de explicação da realidade...<sup>3</sup>

Destaca-se aqui o fato de que a metáfora para a questão da rede é algo bastante amplo e não se limita às redes sociais (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 13). Estas, por sua vez, não se restringem às interações virtuais, e dizem respeito a uma série de relações, como as familiares, de trabalho ou amizade. Conforme Recuero (2009a, p. 24), podemos afirmar que uma rede social é formada por dois elementos: os *atores* (representados pelas pessoas, grupos ou instituições) e *suas conexões* (as interações mantidas entre eles).

A observação da metáfora da rede nos possibilita analisar as interações, as conexões e os laços estabelecidos entre os atores. Com isso, tais elementos devem ser analisados no seu contexto, e nunca isoladamente (RECUERO, 2009a). Na concepção de Marteleto (2001, p.72):

Entre as diversas significações que rede (*network*) vem adquirindo, apesar de não se limitar somente a elas, servem ao propósito deste artigo as seguintes: sistema de nodos e elos; uma estrutura sem fronteiras; uma comunidade não geográfica; um sistema de apoio ou um sistema físico que se pareça com uma árvore ou uma rede. A rede social, derivando deste conceito, passa a representar um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados.

Os sites de rede social podem representar as próprias redes sociais, estabelecendo conexões entre os sujeitos, de forma interativa e dinâmica. São importantes ferramentas de comunicação, potencializando um ambiente interativo e permeado por discussões, formação de laços afetivos e relações marcadas, de modo geral, pela participação entre seus membros.

---

<sup>3</sup> La teoría de redes sociales se centra en una visión de la estructura social como conjunto de vínculos que unen tanto a miembros individuales como a colectivos de la sociedad. Se trata, pues, de un enfoque que en algo menos de medio siglo se propone como una vía muy interesante de explicación de la realidad.

Tais sites (ou redes sociais na internet) pertencem a um grupo de *softwares* sociais, aplicados diretamente à comunicação mediada por computador (RECUERO, 2009, p. 121) e, de modo geral, podem ser definidos como “sistemas que permitem: i) a construção de uma *persona* através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários e iii) a exposição pública da rede social de cada ator.” (BOYD & ELLISON, 2007, apud RECUERO, 2009, p.121).

Ao fazer uso de uma rede social na internet, configuram-se novas formas de se relacionar com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Ocorre que, de modo frequente, ao criar um perfil em uma rede social, as pessoas passam a agir como se o perfil fosse sua extensão, uma complementação de sua própria identidade. Não apenas como uma mensagem ou meio de comunicação, mas como um estandarte que representa a própria pessoa que o mantém (VIANA, 2010, p.137). As identidades são ressignificadas e as subjetividades passam de um estado de passividade para uma subjetividade ativa, por meio de um efetivo trânsito comunicacional.

Os espaços sociais são redefinidos enquanto *locus* de expressões e construção de sentido, ao interagirem com os demais. As impressões são construídas e percebidas pelos atores como parte de um papel social (RECUERO, 2009 a, p. 29)

A participação na rede social estimula a criação de uma identidade digital e também pode reforçar o exercício do imaginário e da ficção, na construção de diferentes representações, apropriações e papéis (SANTAELLA, 2013, p. 43). São extensões de subjetividade ganhando corpo e redimensionando a identidade do ator/sujeito. E das redes sociais utilizadas pelos brasileiros, o Facebook tem proporcionado intenso material para análise, seja em termos de conteúdo ou alcance.

### **O Facebook**

Lançado em 2004, por um grupo de estudantes da Universidade de Harvard, Mark Zuckerberg, Chris Hughes, Dustin Moskovitz e pelo brasileiro Eduardo Saverin, o Facebook tornou-se, em 2008, a maior rede social do mundo.

Boa parte do sucesso do site pode ser explicado em função de seus recursos, que tornam a plataforma dinâmica e inovadora, permitindo a interatividade entre os usuários. Primeiramente, tem-se o mural, que ocupa um aspecto central na plataforma, por permitir acesso aos amigos adicionados, inserção de conteúdos em textos, fotos ou vídeos. Outros

recursos como os botões “curtir” (*Like*) e seus alternativos, os “*reaction buttons*”, lançados em fevereiro de 2016, possibilitam maior interação com os conteúdos postados<sup>4</sup>.

Outros recursos são a inserção de comentários e compartilhamentos de informações, a possibilidade de marcar amigos em mensagens e fotos, inserção de status e localização, mensagens de texto síncronas, calendário com aniversários de amigos e eventos, dentre outros.

A aceitação e o crescimento do site Facebook é corroborada pelos dados que mostram o Facebook como não apenas a maior rede social, mas a de maior crescimento, com 1,59 bilhão de usuários, de acordo com o sexto mapa divulgado pelo Congresso Ibero-americano sobre **Redes Sociais** (iRedes<sup>5</sup>).

Tal fenômeno assinala a importância deste site de redes sociais, que conecta, diariamente, milhões de pessoas em todo o mundo. E no Brasil a tendência não é diferente. A presença de brasileiros no Facebook é uma das maiores do mundo<sup>6</sup>. O levantamento realizado pelo próprio Facebook indica que 92 milhões de brasileiros acessam o Facebook mensalmente, o que, segundo o IBGE, representa 45% da população brasileira. Segundo os dados, 8 em cada 10 brasileiros conectados estão nesta rede social.<sup>7</sup>

Toda esta dimensão justifica a necessidade de pesquisas que busquem desvendar a dinâmica, o uso e as relações estruturadas pelo Facebook. Neste caso, buscamos analisar, ainda que de forma preliminar, como o professor do Paraná tem se relacionado com a plataforma, seus usos e constituições de sentido, bem como a eventual exposição de elementos de sua profissionalidade.

### **O professor e a profissionalidade docente**

Diante do cenário que se apresenta, o papel do professor como detentor do conhecimento tem sido questionado, exigindo dele ações que sejam capazes de responder às novas demandas, incorporando a presença das novas tecnologias em sua ação pedagógica.

Nesse aspecto, o próprio conceito do “ser professor” é um conceito que deve ser analisado à luz do contexto histórico vivido e em sua concretude, na complexidade que envolve o sujeito e sua formação:

<sup>4</sup> Além da tradicional opção de curtir o conteúdo, foram então adicionados os botões “amei”, “haha”, “uau”, “triste” e “grt”.

<sup>5</sup> Dados disponibilizados em <<http://www.iredes.es/mapa/>>.

<sup>6</sup> Dados publicados pela empresa de mídias Socialbakers. Disponível em: <<http://www.socialbakers.com/resources/reports/brazil/2016/>>.

<sup>7</sup> Segundo dados divulgados por Ime Archibong, diretor de parcerias estratégicas do Facebook, em palestra proferida em 27 jan. 2016, em evento da Campus Party, em São Paulo.

Ao longo dos últimos anos, temos dito (e repetido) que o professor é a pessoa, e que a pessoa é o professor. Que é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. Que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. Que importa, por isso, que os professores se preparem para um trabalho sobre si próprios, para um trabalho de auto-reflexão e de auto-análise. (NOVOA, 2009, p. 65)

Qual seria, entretanto, o papel do professor e os elementos de sua ação docente, diante de um panorama em constantes mudanças? Para Lèvy (1999, p. 171):

...a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um *animador da inteligência coletiva* dos grupos que estão a seu encargo...

Neste sentido, o professor deve ser capaz de estimular a aprendizagem do aluno, acompanhando o processo e articulando o conhecimento. O autor ainda discute a importância da integração com as diferentes tecnologias e, portanto, o professor deve estar apto para um novo papel de formador, em um mundo em mudança:

Como manter as práticas pedagógicas atualizadas com esses novos processos de transação do conhecimento? Não se trata aqui de utilizar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis de professor e de aluno (LÉVY, 1999, p.172).

Se por um lado, supõe-se a importância de tais habilidades com vistas ao trabalho docente no novo milênio, como aspectos necessários ao desenvolvimento de uma educação capaz de responder às novas e demandas sociais, de outra forma, tem-se a complexidade que envolve o trabalho docente diante da realidade objetivada, um universo permeado de incertezas aliado à condições de trabalho adversas.

Para Nóvoa, em um artigo denominado “Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas” salienta o processo de verticalizado e ambíguo ao qual está submetido o professor:

Nos dias de hoje, há uma retórica cada vez mais abundante sobre o papel fundamental que os professores serão chamados a desempenhar na construção da “sociedade do futuro”. Um pouco por todo o lado, políticos e intelectuais juntam as suas vozes clamando pela dignificação dos professores, pela valorização da profissão docente, por uma maior autonomia profissional, por uma melhor imagem social, etc. Nos programas de acção política ou nos discursos reformadores (...)

reencontramos sempre as mesmas palavras, repetidas uma e outra vez, sobre a importância dos professores nos “desafios do futuro”. Ou porque lhes cabe formar os recursos humanos necessários ao desenvolvimento econômico, ou porque lhes compete formar as gerações do século XXI, ou porque devem preparar os jovens para a sociedade da informação e da globalização, ou por qualquer outra razão, os professores voltam a estar no centro das preocupações políticas e sociais. (NÓVOA, 1999, p.02).

Acompanhando esta mesma reflexão, Bernard Charlot também nos alerta para uma necessária fuga de expressões prontas e senso comum, que podem ser responsáveis por macular análises da situação presente em nome de uma “visão profética do futuro”, dadas as contradições vividas pelo professor e “que decorrem do choque entre as práticas do professor atual e as injunções dirigidas ao futuro professor ideal”. (CHARLOT, 2008, p.18).

Com base neste panorama temos com frequência, professores desvalorizados, culpabilizados pelo insucesso do aluno e da educação e inseguros diante das sucessivas mudanças políticas as quais têm sido subordinada a instituição escolar.

Outro aspecto que merece nossa atenção é a relação do professor com as tecnologias, particularmente diante das dificuldades de mediação e articulação com o conhecimento, já que as tecnologias passam a fazer parte do cotidiano social, possibilitando o crescimento de “espaços de comunicação e informação que escapam ao controle da escola e da família e que fascinam particularmente os jovens”. (CHARLOT, 2008, p.20).

Analisando o cenário atual, temos um universo fortemente marcado pela presença das mídias e pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação (TICs). Na sociedade na qual vivemos, a presença de tais recursos tem propiciado o consumo de bens culturais e o acesso a uma grande quantidade de informações, que se encontram disponibilizadas na internet.

O professor se vê imerso na sociedade contemporânea na qual a relação com o conhecimento tem passado por sucessivas e constantes transformações. Se por um lado participa do universo da cibercultura, por outro enfrenta os desafios objetivos de sua condição histórica.

Neste aspecto, a escola tem sido chamada a formar um cidadão crítico, capaz de responder criticamente às demandas e transformações sociais.

Ao mesmo tempo, o professor tem sido chamado a, cada vez mais, ser responsável pelo uso das tecnologias disponíveis, bem como o uso de metodologias e estratégias inovadoras, de forma a possibilitar ao aluno os mecanismos necessários para uma atuação crítica na sociedade em que vivemos.



Por outro lado, são muitas as dificuldades enfrentadas pelo professor diante das novas exigências impostas socialmente. Suas condições objetivas apresentam-se como grandes desafios, que vão desde questões salariais e acesso a tais tecnologias, até as dificuldades de incorporação e integração dos recursos tecnológicos ao cotidiano escolar.

Por vezes, as dificuldades dos professores se revelam na incapacidade de responder eficazmente às inúmeras, e novas, demandas exigidas pela sociedade, e para as quais não obteve, via de regra, a formação necessária, fosse na academia, ou nos programas de formação continuada.

A cada momento, os professores são obrigados a assumir novas responsabilidades e funções, as condições de trabalho frequentemente adversas e a falta de políticas públicas capazes de propiciarem ao professor o desenvolvimento de uma completa autonomia, aliado ao estudo constante. Em pesquisa realizada, Hagemeyer (2004, p. 82) salienta que:

Pudemos ver o professor preocupado ao trabalhar as questões da degradação ambiental, questões éticas e situações cotidianas de compra e venda, de trabalho, etc., os problemas da sexualidade, e outros, num processo em que os conteúdos curriculares tomam novas conformações. Sentem que as noções não podem mais ser trabalhadas de forma fragmentada e utilizam passo a passo a rede de informações que circunda o conhecimento hoje e não está só nos livros e programas, mas na mídia, nos acontecimentos mundiais, nas descobertas científicas, em todas as formas de expressão. Apontam, portanto, para novas formas de ver e de passar o conhecimento para o aluno que temos hoje.

Ao mesmo tempo, aponta ainda a pesquisa de Hagemeyer, os mesmos professores não acreditam em suas condições de contribuir para a construção do conhecimento. Particularmente no que se refere à integração com as novas tecnologias da informação e comunicação, revela-se uma frequente dificuldade. Por outro lado, é importante ressaltar que esses mesmos professores, em seu cotidiano, fora do espaço escolar, encontram-se inseridos na sociedade, e fazem uso de diferentes recursos tecnológicos, encontrando-se, frequentemente, conectados à internet, às redes sociais, e estabelecendo amizades, postando fotos, conteúdos, informações e publicações que considere relevantes.

O que observamos, neste aspecto, é um certo descompasso entre o cotidiano vivenciado no espaço escolar e a dimensão da tecnologia no espaço privado.

Nessa perspectiva, temos em vista um professor do estado do Paraná, um trabalhador ou trabalhadora da educação, historicamente situado no panorama nacional brasileiro que, por sua vez, insere-se em um contexto amplo e complexo, da pós-



modernidade mas com características de um país emergente, com todas as suas contradições, sociais, políticas e ambientais.

Saberes dos professores são um sentido amplo que engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades (ou aptidões) e as atitudes dos docentes, ou seja, aquilo que foi muitas vezes chamado de saber, de saber-fazer e de saber-ser. Essa nossa posição não é fortuita, pois reflete o que os próprios professores dizem a respeito de seus saberes. (TARDIF, 2002)

Participar da vida cotidiana desperta o ser coletivo, partilhando conhecimentos a respeito dos alunos e seus familiares (TARDIF, 2002, p. 61) materiais didáticos, cursos, planos de ensino, filmes, livros, etc..

Quando falamos de identidade e profissionalidade no âmbito da docência, diz respeito a um conjunto de disposições como o indivíduo se mobiliza com os atributos que tornam possível o ser professor. Para Tardif (2002, p.80), os indivíduos fazem parte de uma categoria, que percorreram a mesma trajetória profissional, ou uma trajetória significativamente semelhante, capaz de mobilizar os agir de acordo com as normas relativas à profissão. Tais normas podem ser formais ou informais, e dizem respeito à qualificação dos membros de uma ocupação, mas também a questões de atitudes e comportamentos.

Ao mesmo tempo, Nóvoa destaca a importância da vida vivida coletivamente, sendo a escola o espaço da cultura, da ação docente, da partilha e do acompanhamento docente. Mas não apenas isso. Nóvoa salienta a docência enquanto coletividade relativa ao conhecimento e, sobretudo, à ética que se constrói no diálogo com os colegas.

Para a construção desta análise, utilizamo-nos do conceito de profissionalidade docente, compreendida como um conjunto de habilidades, valores, conhecimentos e saberes que caracterizam o “ser professor”. Autores como Hagemeyer (2004), Giroux (1990), Contreras (1997), Nóvoa (1995, 2004, 2009, 2007, 2015), Tardif (2000, 2002) e Sacristán (1995).

Quando falamos de profissionalidade docente, alinhamo-nos ao pensamento de Contreras (1997) e Sacristán (1995, p. 65), ao sinalizar aquilo que é específico do ofício docente, a seus valores, atitudes, conhecimentos e saberes que caracterizam o “ser professor”, cujos aspectos, em sua totalidade, são bastante específicos e os distinguem de outros profissionais.

Necessário afirmar, ainda como Contreras (1997, p. 48-49) que a opção da pesquisa pelo uso do termo *profissionalidade*, e não *profissionalismo*, ocorre pela busca de superação

de eventuais conotações corporativistas e maniqueístas que este último termo poderia gerar, limitando-se a aspectos morais sobre o que seria considerado bom ou adequado à ação do professor:

A reivindicação não se reduz a um desejo de maior status. Também se reclama maior e melhor formação, capacidade de lidar com situações novas, preocupação por aspectos educativos que não podem vir descritos nos regulamentos, integridade pessoal, responsabilidade pelo que é feito, sensibilidade frente as situações delicadas, compromisso com a comunidade, etc.<sup>8</sup>

Hagemeyer (2004) assinala que é possível dizer que nunca foi tão difícil ser professor como na atualidade, dadas as características históricas que temos vivido e relação verticalizada com órgãos oficiais educacionais, que vêm alijando o professor das discussões e tomada de decisões mais importantes. Segundo a autora: “A profissão docente, nas últimas décadas, se depara com um processo de valorização/desvalorização, crítica e perda de identidade”. (HAGEMEYER, 2004, p. 70)

E como tem ocorrido a relação entre este profissional e as redes sociais? Quais seriam os dilemas e ações envolvidas em tal conexão? É o que veremos a seguir.

### **O professor do Paraná e sua relação com o Facebook**

O Facebook foi selecionado por ser o mais site de rede social do momento e também por ter sido a rede social na internet mais citada pelos professores, durante formações continuadas para uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs), realizadas junto a professores da educação básica no estado do Paraná. Mesmo em conversas informais, quando tratávamos de redes sociais, surgiam dúvidas sobre o que era, ou não, considerado adequado, no que se tratava à relação entre o site de rede social e a exposição do professor.

Questões como a exposição da vida pessoal, preservação de uma identidade docente, relação com alunos e comunidade escolar eram recorrentes e traziam à tona um eventual conflito entre as esferas pública e privada, a subjetividade e identidade profissional. Outro aspecto dizia respeito ao fato de que, de modo geral, os professores não receberam uma formação continuada que lhes permitisse o uso e a integração de tais recursos em seu cotidiano. Ainda assim, boa dos professores encontra-se conectada e possui uma conta no Facebook.

---

<sup>8</sup> La reivindicación no se reduce a un deseo de mayor *status*. También se reclama mayor y mejor formación, capacidad para enfrentarse a nuevas situaciones, preocupación por aspectos educativos que no pueden venir descritos en normativas, integridad personal, responsabilidad en lo que se hace, sensibilidad ante las situaciones delicadas, compromiso con la comunidad, etc.

As discussões apresentadas tomam como foco um questionário, composto por questões abertas e fechadas e desenvolvido por meio da ferramenta “Formulários” do Google Drive. Tal questionário foi realizado junto a professores do estado do Paraná, enviado por e-mail institucional (@seed.pr.gov.br) e compartilhado na página Professores do Paraná, no Facebook. O questionário buscava coletar dados acerca do uso da internet e das redes sociais pelo docente paranaense. Ao longo de um mês recebemos um total de 1518 respostas de professores via e-mail e 104 via Facebook, o que assinala uma forte ligação do professor com o e-mail institucional.

O questionário utilizado nos fornece algumas valiosas informações que, em certa medida, auxiliam na configuração acerca do perfil do professor paranaense, conforme podemos identificar a seguir:

Do público respondente, 75% é composto por mulheres e 79% são professores do ensino médio, o que caracteriza o perfil predominante do professor estadual do Paraná, cuja maioria é formada por estabelecimentos voltados a esse público estudantil.

Um ponto a ser destacado na pesquisa é a importância da mobilidade, já que o acesso à internet é predominantemente realizado por meio de *notebooks* e *smartphones*. Tais equipamentos passam a fazer parte de nosso cotidiano e reforçam a ideia de que estão, de fato, “incorporados à vida humana como uma segunda natureza” (SANTAELLA, 2013, p.33).

O indicativo obtido na mostra expressa a tendência do uso das redes já que, do público respondente, 90% afirmam utilizar-se das redes sociais, sendo que 75% as acessam por mais de uma hora, todos os dias. Em certa medida, o questionário sobre o perfil do professor do Paraná nas redes sociais alinha-se à pesquisa desenvolvida por Viana (2010, p. 139), ao apontar o acesso diário às redes sociais no Brasil, por 81% da população. Já 90,3% dos professores possuem conta no Facebook. Para a maioria dos professores, o Facebook é utilizado como forma de manter contato com amigos e familiares. Logo após, é usado como lazer e entretenimento e, em seguida, como fonte de informações. Por último, é destacada a questão do infoativismo ou ativismo digital<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup>O infoativismo, ciberativismo ou ativismo digital pode ser analisado como a utilização da internet como forma de mobilização e transformação social. Para Dênis Moraes: “As vozes que se somam no ciberespaço representam grupos identificados com causas e comprometimentos comuns, a partir da diversidade de campos de interesse (educação, saúde, direitos humanos e trabalhistas, cidadania, minorias e etnias, meio ambiente, ecologia, desenvolvimento sustentável, defesa do consumidor, cooperativismo, habitação, economia popular, reforma agrária, Aids, sexualidade, crianças e adolescentes, religiões, combate à fome, emprego, comunicação e informação, arte e cultura), de metodologias de atuação (movimentos autônomos ou redes), de horizontes estratégicos (curto, médio e longo prazos) e de raios de abrangência (internacional, nacional, regional ou local). Essas variáveis, muitas vezes, entrelaçam-se, fazendo convergir formas operativas e atividades”. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>>.

O professor do Paraná utiliza a rede social sobretudo para curtir e compartilhar postagens, e eventualmente tem o hábito de criar conteúdos a partir deste site. Assim, as redes sociais possibilitam às pessoas ações como “republicar links, comentar, opinar, produzir conteúdos próprios” (VIANA, 2010, p. 254).

O compartilhamento e a republicação de outras postagens, manifesta o poder da interação e a divulgação de ideias na rede, dada sua facilidade de encurtar distâncias, aproximar pessoas e possibilitar o acesso à informação. Em uma rede social digital, as pessoas podem optar pelo que desejam ver, ler, assistir, curtir e compartilhar, podem expressar suas ideias e reagir às ideias de outrem.

Com relação à questão da relação entre o Facebook e a educação, 58% do público respondente acredita que possibilita maior praticidade na comunicação com os alunos; 27% consideram ser apenas uma ferramenta de comunicação informal entretenimento, sendo que parte dos respondentes não identifica finalidade ou relevância educativa no Facebook. Para em torno de 25% dos pesquisados, há necessidade de criação de dois perfis, sendo um para uso pessoal e outro para fins profissionais.

No que se refere à relação com alunos, 78% dos professores aceitam alunos em sua rede de amigos. Muitos destes salientam que aceitam apenas estudantes a partir do Ensino Médio. Ao serem indagados sobre as razões para adição ou não, temos como respostas:

- 1) para reforço de conteúdos da disciplina escolar/ apenas com finalidade educacional;
- 2) comunicação, afinidade e interação fora do ambiente escolar/
- 3) para maior conhecimento sobre o aluno;
- 4) contribuição para a tomada de consciência, conhecimento, formação em geral.

Dos professores que não aceitam a adição de alunos em seu grupo de amigos, temos como argumentos:

- 1) acreditar que a relação professor-aluno deva “restringir-se aos limites da docência (sala de aula)”;
- 2) por privacidade/ preservação da vida pessoal;
- 3) necessidade de criar um perfil profissional apenas.

Tais considerações revelam um importante aspecto cultural, na adoção de determinados posicionamentos, por parte do professor, no que se refere a seus valores, crenças, modos de pensar e viver, que convive com uma realidade multifacetada e plural. A

educação monolítica cede espaço a uma perspectiva plural e diversificada de uma sociedade que se propõe multicultural.

Longe de esgotarmos o tema, expõe-se aqui a necessidade de um olhar atento e estudos aprofundados que busquem a relação do professor com novas formas de comunicação e interação social, buscando compreender o que ocorre com a utilização das redes, ao passarmos da subjetividade e profissionalidade para a construção de um perfil e exposição no ciberespaço.

### **Considerações finais**

Em tempos de cibercultura e modernidade líquida, qual seria o papel e a identidade do professor?

A despeito de termos identificado os muitos desafios que têm caracterizado a ação docente, isso, percebemos nas respostas de muitos professores todas dificuldades surgidas e enfrentadas não arrefecem a apagam a determinação e a esperança. Ao serem indagados acerca das razões que os levaram a se tornar professores, uma série de razões foi apontada, inclusive a histórica questão da vocação e da paixão pelo ensino, admiração pelo magistério e desejo de trabalhar com o ser humano. Conscientemente ou não, a esperança é um dos aspectos mais ressaltados e remete ao pensador Paulo Freire (1997, p. 05)

Por outro lado, sem sequer poder negar a desesperança como algo concreto e sem desconhecer as razões históricas, econômicas e sociais que a explicam, não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho. A esperança é necessidade ontológica; a desesperança, esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica.

Os resultados preliminares apontam uma identidade coletiva, certo orgulho e certo desencanto com a profissão escolhida. Não é por acaso que a chamada profissionalidade, sob o ponto de vista que tratamos aqui, diz, sobretudo, respeito aos valores e ao modo de ser do professor. Com relação a isso, Tardif enuncia (2002, p. 56-57):

Se uma pessoa ensina durante trinta anos, ela não faz simplesmente alguma coisa, ela faz também alguma coisa de sim mesma: sua identidade carrega as marcas de sua própria atividade, e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional. Em suma, *com o passar do tempo*, ela vai-se tornando – aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros – um professor, com sua cultura, seu *ethos*, suas ideias, suas funções, seus interesses, etc.

Pensar elementos da profissionalidade em tempos de rede social é compreensível, dadas as relações e conexões estabelecidas. Neste sentido a rede social, em nosso caso de análise, o Facebook, é um espaço para que a identidade docente, as subjetividades, as expressões e profissionalidade possam vir à tona.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- CHARLOT, B. **Um professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, jul./dez. 2008.
- CONTRERAS DOMINGO, J. **La autonomía del profesorado**. Madrid: Morata, 1997.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GIMENO SACRISTÁN, J. **Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores**. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto, 1995, p.63-92.
- HAGEMEYER, R.C. de C. **Dilemas e desafios da função docente na sociedade atual: os sentidos da mudança**. Educar, Curitiba, n. 24, p. 67-85, 2004. Editora UFPR. 67.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2.ed. São Paulo: ALEPH, 2009.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARTELETO, R. M. **Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação**. Ciência da informação, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2001.
- MORAES, D. **O ativismo digital**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>>. Acesso em 20 jun. 2016.
- MORAN, J. M. **O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD: uma leitura crítica dos meios**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf>>. Acesso em 10 jun 2016.
- NÓVOA, A. **Currículo e Docência: a pessoa, a partilha, a prudência**. In: PEREIRA, M. Z. C.; GONSALVES, E. P.; CARVALHO, M. E. P. **Currículo e contemporaneidade: questões emergentes**. Campinas, SP: Alínea, 2004. (Coleção Educação em Debate).
- NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.
- \_\_\_\_\_. **O regresso dos professores**. Lisboa: Repositório da Universidade de Lisboa, 2007. Disponível em:<<http://hdl.handle.net/10451/687>>. Acesso em 20 mar.2015.
- \_\_\_\_\_. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. Disponível em <[http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350\\_09por.pdf](http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf)>. Acesso em 20 mar. 2015.
- RECUERO, R. **A Conversação em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

\_\_\_\_\_. **A internet e a nova revolução na comunicação mundial.** Dez. 2000. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/revolucao.htm>>. Acesso em 10 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és:** a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 38 • abril de 2009 • quadrimestral. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/5309/3879/%3E>>. Acesso em 12 out. 2015.

\_\_\_\_\_. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009a.

\_\_\_\_\_. **Redes sociais na Internet, difusão de informação e jornalismo:** elementos para discussão. In: SOSTER, D.; SILVA, F. F. (Orgs.). **Metamorfoses jornalísticas 2:** a reconfiguração da forma. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009b, p. 37–55.

REQUENA SANTOS, F. **Análisis de redes sociales:** orígenes, teorías y aplicaciones. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2003.

\_\_\_\_\_. **El concepto de red social.** Revista Española de Investigaciones Sociológicas. N.48, 1989, p.137-152.

SANTAELLA, L. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: PRIMO, A. **Interações em rede.** Porto Alegre: Sulina, 2013. (Cibercultura).

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter.** São Paulo: Paulus, 2010.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários:** elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. In: **Revista Brasileira de Educação.** Nº 13. Belo Horizonte, 2000, p. 5-24.

VIANA, C. **Redes sociales y modelos de agencias ciudadanas de comunicación.** Tesis Doctoral, Director Dr. Nicolás Lirite García, Departamento de Comunicación Audiovisual y Publicidad II, Universitat Autònoma de Barcelona, 2010.